



Director literario:
Arquibaldo Campesina
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Edward Colletts
 PAPUSSE

DOM AUGUSTO E DONA AUGUSTA



*Dom Augusto e Dona Augusta, Aos que outróra conheceram,
 Augustos esposos eram,
 Que apenas à sua custa,
 Grande fortuna fizeram.*

*Aos que outróra conheceram,
 Agora já nem falavam;
 Pois de modestos que eram,
 Em soberbos se tornavam.*

*Um garoto dos jornais,
 Resolveu pregar um susto
 Aos augustos esposais
 Dona Augusta e Dom Augusto.*



*Vendo-os passar, o rapaz
 Grita num forte pregão:
 — « Olha o Século! ... que traz
 Um caso de sensação! ... — »*

*... Que explica, em meia coluna, Ouvindo, então, tais pregões,
 Como foi, que à própria custa, Dona Augusta e Dom Augusto,
 Fizeram grande fortuna Lá têm suas razões
 Dom Augusto e Dona Augusta. Para apanharem tal susto.*



MANUELSINHO

Por LAURA AMELIA RODRIGUES
Desenhos de EDUARDO MALTA

MANUELSINHO era um menino muito bonito e muito bomzinho. Vivia numa linda casinha com seus paisinhos que o adoravam. A casinha ficava ao meio de uma estrada, e era cercada por um jardimzinho, muito cuidado, e muito cheio de flores, e com umas belas árvores, que, de verão, davam uma sombra magnífica às áreas do jardim.

Também esse lindo jardimzinho tinha um belo lago de águas sempre muito tranquilas e com muitos peixinhos vermelhos, onde o Manuelsinho costumava passar as horas serenas da tarde, deitando uns barquitos de papel, que sua mãezinha, com muita paciência e amor, construía.

Aquela casinha, pois, era um paraíso. O pai, a mãe e o filhinho viviam ali uma vida de rosas, uma vida serena, cheia de poesia e amor.

De verão, muitas vezes, à noite, naquelas belas noites prateadas de agosto, brincavam todos os três, como se todos fossem umas crianças. Escondiam-se os paisinhos e o Manuelsinho ia-os procurar; quando os encontrava, eram beijos sem fim e carinhos sem par.

De inverno, também se entretinham vendo a neve cair, lentamente, pausadamente pondo cortinas nas vidraças. E, como ficava lindo o jardimzinho, todo coberto de flocos de neve, tão branca e tão fria, que até parecia que tinha sido tudo atapetado de algodão em rama.

As árvores sem folhas, e os troncosinhos todos muito branquinhos... Como tudo aquilo era encantador!

Porém, nas noites frias de inverno, nas noites tristes sem luar em que o vento assobia, e a chuva cai, incessantemente, fazendo um ruído monótono, o Manuelsinho tinha medo! Mas os paisinhos acarinhavam-no muito, e faziam-no rezar para pedir ao Bom Deus que abrandasse aquele temporal. Ele, então, cheio de graça, rezava... e pedia a Deus que olhasse pelos pobresinhos... pelos pescadores, pelas crianças sem pais, sem carinhos, que, ao vento e à chuva, andam pelas ruas, cheias de fome, cheias de frio, sem carinhos de ninguém. Enfim, pedia a

Deus que olhasse por todos os desgraçadinhos... por todos os infelizes...

E como ele era um anjo, cheio de bondade, enquanto a sua mãezinha lhe ia ensinando a oração, e lhe ia descrevendo as tristezas deste vale de lágrimas; o Manuelsinho com os olhos semi-cerrados chorava... Lágrimas como pérolas, mais puras do que as pérolas caíam-lhe dos grandes olhos meigos, como os olhos dos anjos. Chorava muito por todos os infelizes, e depois perguntava à mãezinha, se era possível, que Deus, sendo tão bom, consentisse que houvesse tanta desgraça na terra. Como é que podiam existir crianças pequeninas, assim como ele, que não tivessem pais, que não tivessem carinhos...

E muito baixinho pedia à mãe:

«Mãesinha, nós havemos de procurar as crianças pobresinhas, e trazê-las para aqui, e depois a minha mãezinha, dá-lhes muitos beijos e muitos bolos, sim?! E conta-lhe, também, as lindas histórias do Pim-Pam-Pum, não é verdade?»

Pobre anjo! Pois o Manuelsinho pensava que as crianças eram assim tão poucas que se podiam levar para aquele paraíso!

Ora como eu ia contando, todos ali, naquela casinha eram felizes, mas a felicidade, muitas vezes, tem a duração das rosas, é um caminho atapetado de flores, que conduz, muitas vezes, depois, à aridez de um deserto ou à melancolia de uma campina.

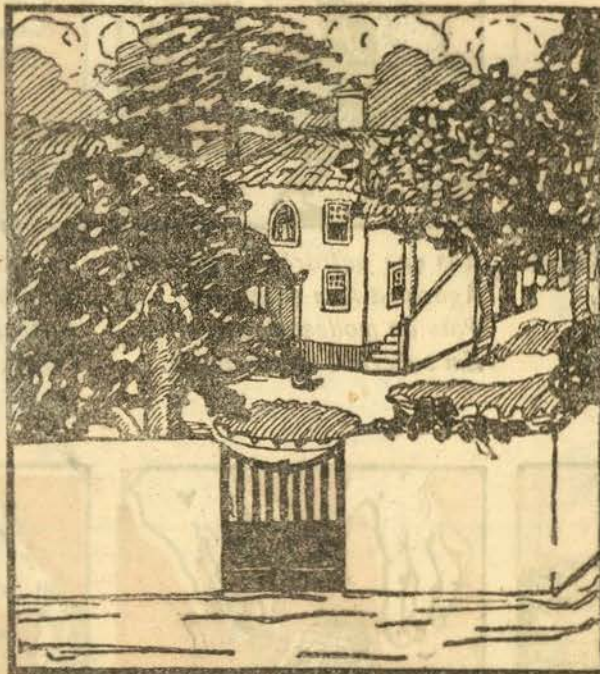
Manuelsinho, apesar de ser muito bom, era também muito travesso.

Quando brincava no lago, sua mãe, muitas vezes lhe dizia: «Olha, Manuelsinho, tu, quando alguma vez estiveres sozinho ao pé do lago, não te debruces muito à borda dele. Bem sabes que o lago é fundo, e que se tu caíesses lá dentro, seria muito custoso salvar-te.»

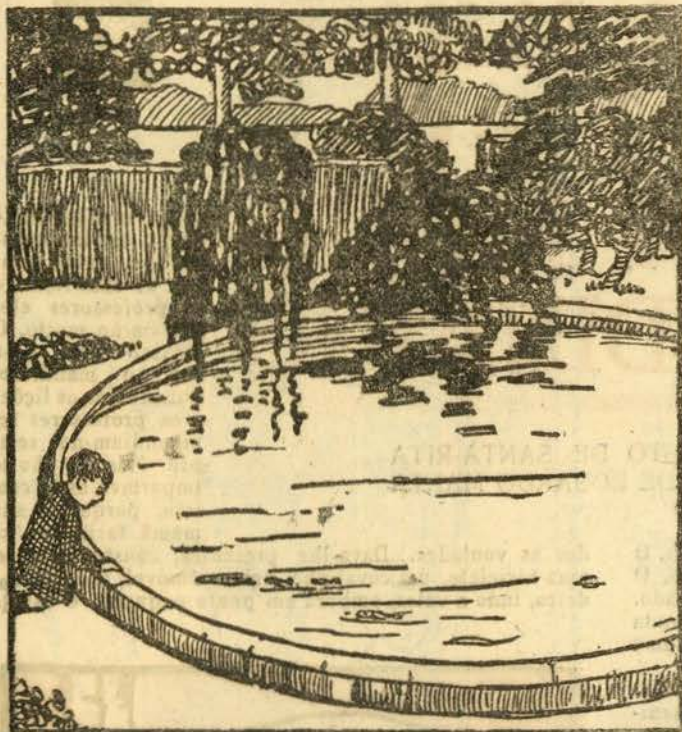
O Manuelsinho prometia sempre que seguiria os conselhos de sua mãezinha.

Ora um dia, porém, enquanto a sua mãe fazia uns bolinhos de que muito gostava, o Manuelsinho, foi brincar para o jardim.

Chegou lá, correu, saltou, brincou, mas, de repente, uma lembrança, que lhe devia ser fatal, lhe acudiu.



«E se fosse apanhar uns peixinhos vermelhos ao lago?
Se bem o pensou, melhor o fez.



não encontrou os seus amores. Procurou por todos os lados mas baldadamente. Chamou... chamou e apenas o eco soturno lhe respondeu. Um vendaval de desgraça tinha passado por ali. Pobre pai!

Quando, horas depois, soube a tragédia que se tinha dado na sua ausência, ficou como louco.

Fugiu para longe. Foi procurar o esquecimento para terras distantes. Deixou aqueles lugares onde tão feliz fora outrora.

Vêde, meus meninos: — O Manuelsinho se tivesse seguido os conselhos de sua mãesinha, nada teria acontecido do que aconteceu. Não teria caído ao poço e, ainda hoje, viveria muito feliz na companhia de seus paisinhos, naquela linda casinha ao meio de uma estrada...

Pobre Manuelsinho! E pobre mãesinha!

Segui, pois, vós, meus meninos, sempre os conselhos de seus paisinhos, sim?

F I M

Foi a correr e zás, chegou à borda do lago e, debruçando-se um pouco, apanhou um peixinho... Ficou radiante, e tentou apanhar outro. Mas oh! fatalidade!...

Com o impulso que deu ao corpo, caiu dentro do lago... Gritou... mas apenas lhe respondeu o leve murmúrio da branda aragem passando entre os roseirais. O lago era fundo. Duas ou três vezes, a sua loira cabecinha assomou à superfície das águas tranquilas... Mas a sua mãesinha estava longe, e nem sequer pelo pensamento lhe passava que o seu querido Manuelsinho se encontrava, aquela hora, lutando com a morte dentro daquele lago maldito.

Quando acabou de fazer os bolinhos, chamou pelo Manuelsinho. Mas o Manuelsinho, já mais, oh! nunca mais, voltaria a correr para os braços de sua mãesinha!

Ela, admirou-se daquele silêncio.

Procurou o filhinho querido, mas em vão!...

Então, uma ideia terrível, como um mau preságio, lhe passou pela mente.

«E se o meu filhinho tivesse caído ao lago?

Então, como louca, correu ali. Oh! triste realidade? Oh! cruel visão!

O seu Manuelsinho, o seu querido filhinho, via-se através das águas cristalinas, e tranquilas, lá em baixo, lá no fundo...

Morto!!! O seu filhinho, o seu amor! O seu bom e meigo Manuelsinho encontrava-se no fundo do lago! O seu querido anjo!

Então, mais veloz do que o vento, a pobre mãe deitou-se ao lago. Queria ir buscar o seu filhinho...

Mas o lago era fundo... e aquela hora ninguém por ali andava...

Quando o belo Duarte chegou, (o pai do Manuelsinho)



BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM!

PÁ-TÁ-PÁ

III VOLUME ::::

::::: A VENDA

A COLEÇÃO INFANTIL MAIS BARATA E MELHOR

HISTORIA DE UM MENI- NO FINO E DE UM MENI- NO ORDINARIO

ERAM uma vez dois meninos da mesma idade, do mesmo tamanho mas com gênios diferentes e nascimento diverso.

Um era um menino rico, o outro um menino pobre.

Entre os outros meninos, o menino rico era conhecido pelo menino fino e o menino pobre era conhecido pelo menino ordinário. O menino fino era uma cabeça no ar e um estragadão. O menino ordinário tinha muito juízo e era muito poupado.

A mamã do menino rico, tinha casado pela segunda vez com um senhor muito fino, que era director de uma casa bancária, muito importante.

O papá do menino ordinário, era o porteiro do palacete do padraço do menino rico. Por isso os dois meninos brincavam, às vezes, juntos, no jardim da casa que pertencia ao padraço do menino fino.

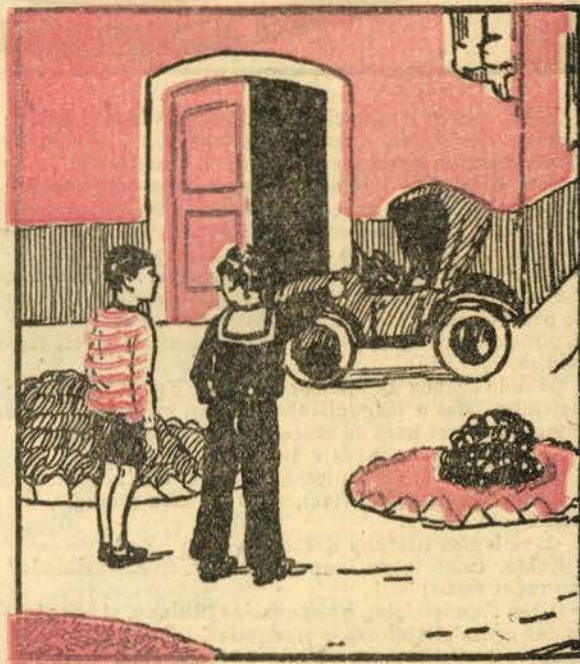
Sempre que o menino fino, com modos ordinários, se zangava com o menino pobre, lembrava-lhe a sua humilde condição, e o menino ordinário ficava sem responder, amuado e triste, com modos de menino fino.

Ambos tinham a mesma idade e ambos andavam no li-

ceu. O menino ordinário, era muito estudioso, sabia sempre as suas lições e os professores elogiavam-no muito. O menino fino, era muito mandrião, nunca sabia as lições e os professores reprendiam-no sempre. Mas ele não se importava nada com isso, porque a sua mamã fazia-lhe to-

das as vontades. Dava-lhe presentes, constantemente, uma bicicleta, um cavalinho, um automóvel, tudo verdadeiro, tudo a valer, embora em ponto pequeno. O cavalo

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



era um garrano e o automóvel uma *voiturette*, só para duas pessoas, mas com motor verdadeiro, movido a gasolina.

Um dia, o menino fino, disse para o menino ordinário, apontando com um dedinho o seu carro num certo ar desdenhoso: — «Se tu tiveres juízo, inda um dia poderás chegar a ser meu *chauffeur*. E o menino ordinário, ficou muito contente com a ideia de um dia poder, também, brincar com um automóvel a sério.

O pior foi que o padraço do menino rico, que já completara dezoito anos, desgostoso por ver que o filho da mulher com quem casara, era tão mau estudante, resolveu tirá-lo do liceu e empregá-lo no banco de que ele era o director, acouselhando, ao mesmo tempo, a mãe a não lhe dar mais presentes, a fim de o fazer trabalhar e dar ao dinheiro o seu devido valor.

Quando o menino ordinário, soube que o seu companheiro ia ser empregado no banco, pediu à sua mãezinha que lhe servisse de empenho, junto do padraсто do menino rico, a fim de se empregar também no mesmo banco.

Satisfeito o pedido da mãe do menino ordinário, o menino ordinário começou a dar, ao serviço do banco, tão

consequir uma atenuante ao seu criminoso acto e a benevolência de seu padraсто.

A mãe do menino fino, que sofria de uma doença de coração, muito adiantada, e pressentira, na expressão com que ele acudiria à chamada do padraсто, uma grande desgraça, foi, pé ante pé, escutar à porta do gabinete, e, ao ouvir da boca de seu filho a confissão do roubo, teve uma síncope cardíaca, caíndo desamparadamente, no corredor.

Ao baque do corpo, abriu-se imediatamente a porta do gabinete, mas de nada serviu a rapidez com que o fizeram seu marido e seu filho, pois que, nas suas nervosas mãos, sustentavam, agora, apenas um cadáver.

Feito o enterro, o director do banco expulsou de casa o mau enteado que, para não ser preso, teve de restituir ao banco o produto da pequena herança que tivera de sua mãe, que não era rica, pois o luxo com que vivera em casa de seu padraсто era apenas devido à enorme fortuna que este possuía.

Principiou, então, para aquele que fora outrora um menino rico, uma vida de pobreza e miséria.

Pelo contrário, o que fora outrora um menino pobre, continuava dando tão boa conta de si, que o director do banco saudoso de sua mulher e sentindo que não podia sobreviver muito tempo à morte da sua querida companheira, resolveu fazer testamento e legar-lhe mil acções do banco e toda a sua fortuna.

Passados dois anos o director da importante casa bancária falecia nos braços do tesoureiro que o extremecia e que, pelo seu merecimento, era agora eleito, por uma assembleia de accionistas, director do banco.

Alguns anos decorridos sobre a morte do padraсто do menino fino que era, presentemente, um homem ordinário, o menino ordinário que se tornara num sujeito fino, vivia agora imensamente feliz, num lindo palacete, casado com uma linda menina muito fina, também, como ares



Continúa na página 6)

boa conta de si que ao fim de seis mezes conseguiu ser nomeado, com um grande aumento de ordenado, tesoureiro do banco.

O menino fino, pelo contrário, estava sempre a ser reprimido por seu padraсто, por nunca comparecer a horas e cumprir péssimamente as suas obrigações.

Uma tarde, no banco em que estava empregado, o menino rico, que era uma pessoa crescida, tendo combinado com uns amigos encontrarem-se num club onde se jogavam quantias fabulosas, para não fazer má figura e poder jogar à vontade, resolveu aproveitar um momento em que o tal menino ordinário, que era agora o tesoureiro do banco e um homemzinho, portanto, se afastara do cofre e roubar um maço de notas de quinhentos escudos.

À hora de fechar o banco, quando o tesoureiro deu pela falta da importante quantia, já o enteado do director havia saído, pois era sempre o primeiro a abandonar o serviço. Muito aflito, dirigiu-se ao gabinete do director e contou-lhe que havia desaparecido do cofre bastante dinheiro, que havia sido roubado e que já telefonara para a policia a fim de se descobrir o autor ou autores do roubo.

O director do banco, teve logo um pressentimento: — o pressentimento de que teria sido o entiado o autor do furto.

Ao entrar em casa, de volta do banco, mandou chamar o enteado e, fechando-se a sós com elle, no seu gabinete de trabalho, começou a interrogá-lo, tão habilmente, que o entiado acabou por declarar, entre soluços, que fora elle, na verdade, quem roubara o dinheiro e o perdera ao jogo num club onde se embriagara, procurando, assim,



Continuação do conto: — História de um menino fino e de um menino ordinário

de Princesa, e um filho que Deus lhes dera, com lindos olhos azuis e cabelos doirados, formoso como um Príncipe.

O homem ordinário, que fora dantes um menino fino, casara com uma humilde costureira de quem tivera um filho e fizera-se «chauffeur» para ganhar a vida.

O actual director do Banco tinha agora, em sua casa, trabalhando a dias, costurando vestidos para sua mulher e seu filho, a mulher do seu companheiro de infância, que ele nunca mais vira e nem suspeitava, se quer, que houvesse casado.

O filho da costureira, brincava, às vezes, no jardim do palacete do actual director do Banco, com o filho deste, pois tinha a mesma idade e era do mesmo tamanho.

Como se houvesse despedido o «chauffeur» do actual director do Banco, e o marido da costureira estivesse de empregado, ela meteu empenhos para que elle entrasse ao serviço do automovel dos donos da casa onde costurava.

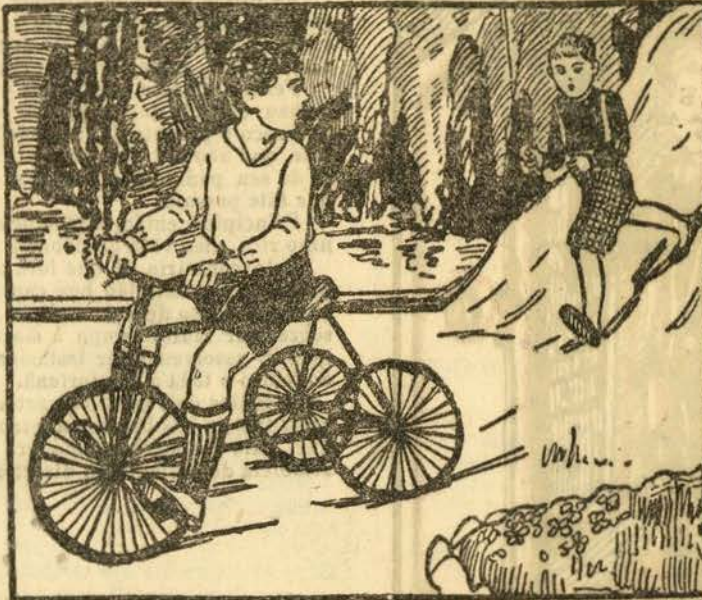
No dia seguinte appareceu a ajustar-se o novo «chauffeur».

O seu companheiro de infância não o reconheceu immediatamente, de tão mudado que estava: — mal vestido, magro e com a barba crescida. Foi só quando, depois de

ajustado, finalmente elle lhe disse o nome, que o actual director do Banco, o reconheceu, o abraçou, cheio de pena, exclamando: — «ao que tu chegaste!»

Entretanto, continuavam brincando, no jardim, o menino ordinário — (filho do menino fino doutros tempos) — e o menino fino — (filho do menino ordinário de outrora) —.

Vendo seus filhos brincando juntos, recordavam agora os seus tempos de infância e o que fora um menino ordinário, relembra a aquella frase que lhe dissera uma vez o menino fino com certo ar desdenhoso: — se tiveres juizo, ainda, um dia, poderás vir a ser meu «chauffeur». As voltas que o mundo dá!



menino fino pode, um dia tornar-se num menino ordinário, e um menino ordinário num menino fino.

F I M

COLABORAÇÃO INFANTIL

O sonho de Carolina

POR JOSÉ AUGUSTO C. SENA

DESENHOS DO AUTOR — —

ERA uma vez uma menina muito bonita de olhos azues e fartos cabelos loiros, mas como não há bela sem senão, essa linda menina, talvez por causa da sua grande beleza, era muito vaidosa.

Ora uma vez estando diante do espelho, pensava: — «Sempre sou muito linda! Quando eu começar a ir aos bailes todos hão-de invejar a minha beleza!!!» — E ao discorrer desta maneira, viu sair do espelho uma porção de diabinhos que fizeram uma volta à roda dela cantando com umas vozes muito esganiçadas:

— «O' Carolina
És bem bonita,
Pr'ó pé de nós
Vem pequenita...
Vem pequenita...
Pr'ó pé de nós!

Anda, criança...
És a mais bela
Que entra na dança» —

Do outro lado a menina ouvia uma voz muito pe-

quenina que dizia:

— «Não vás, Carolina, não vás com elles porque o que

elles querem é levar-te para o inferno. Não vás, Carolina...»

A menina ficava indecisa não sabendo o que havia de fazer, mas os diabinhos tais coisas disseram que Carolina não escutou mais nada. Então os diabinhos bateram três pancadinhas no espelho, e appareceu um carro encarnado puxado por mócios, trazendo dentro um diabo grande, todo vestido de vermelho como os outros. Dirigiu-se à menina e disse-lhe:

— «Eu te saúdo, Carolina! Que sejas bemvinda ao meu reino! Eu sou o Satanaz, aquele que tem um reino e um poder superior ao de todos os outros! — A menina subiu para o côche de Satanaz e deixou-se levar

Chegados ao reino de Satanaz a menina ficou muito assustada e então, este disse-lhe — «Vês, Carolina, lisonjeando-te um pouco, faz-se de ti tudo que se quizer: —» E Satanaz ia precipitá-la no fogo, quando Carolina com um grande grito acordou.

Este sonho deixou uma tão funda impressão em Carolina que esta deixou de ser vaidosa, tornando-se, então, o modelo das boas meninas.



HORA DO RECREIO

A TROMPA QUE SOPRA

Sucedem, muitas vezes, nos laboratórios de amadores e mesmo no uso caseiro, haver necessidade de um jacto de ar, que um fole não pôde dar pelo seu jogo intermitente. Eis a maneira de estabelecer uma trompa soprante, apenas, com uma bacia e um funil.

Põe-se o funil de bico para o ar, na bacia, com a bôca ligeiramente oblíqua. Põe-se uma tampa na bacia deixando a descoberto o sitio por onde penetra a torneira



do contador da agua e o bico do funil, e abre-se completamente o contador.

O ar expulso pela agua armazena-se em grossas bolhas no funil, e um violento jacto de ar comprimido, escapa-se pelo bico do utensilio, enquanto a água corre para a bacia e continúa a expulsar o ar. Pode-se encaixar no tubo do funil um tubo de borracha e aproveitar este fole de nova espécie para diferentes necessidades.

ANEDOTAS

No Colégio:

O professor:—Levantem-se os alunos que perceberam a lição.

Tudo ficou sentado.

— Ora bem, — diz o professor — então que se levante quem não percebeu.

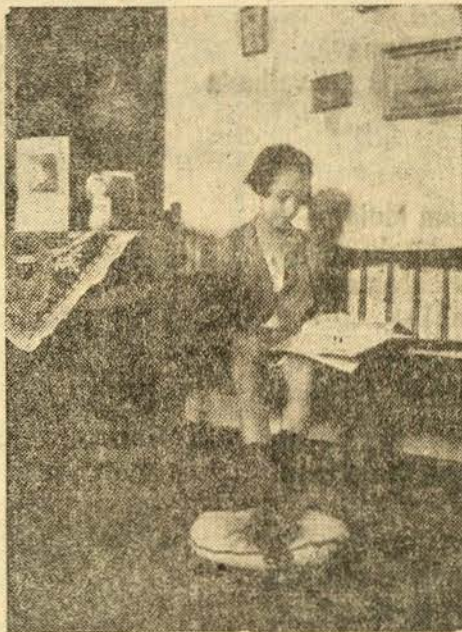
Todos os alunos se levantaram.

Num exame de Geografia:

O professor:— O que vem a ser um rio?

O aluno:— E' um lugar onde morre quem não sabe nadar.

Antonio N. Ferreira.



A nossa pequenina colaboradora
Lili Ferreira na sua salinha de estudo

ADIVINHAS

1

Qual a coisa, qual será,
Ai qual é, qual vem a ser...
Quanto maior se tornar,
Menos nós podemos ver?

2

Para andar lhe puz a cinta
E tirei-lha p'ra rodar.
Que ele sem ela não brinca,
Nem com ela pode andar?

Ramiro Soares Borges.

Qual é o campo de Lisboa que serve para fazer refugado?

Qual é o arco de Lisboa que não tem vista?

Qual é a rua de Lisboa que é uma planta trepadeira?

Qual é a rua de Lisboa que serve para curar?

Qual é a rua de Lisboa que tem o nome duma raça oposta á nossa?

Qual é a rua de Lisboa que tem o nome dum minerio usado na composição da pólvora?

Qual é a rua de Lisboa que tem o nome dum animal roedor?

Qual é a travessa de Lisboa que fala sosinha?

Qual é a rua de Lisboa que serve para defumar casas?

Qual é a rua de Lisboa que pertence a aves marinhas?

Qual é o jardim de Lisboa que serve para fumar?

Qual é a rua de Lisboa que, servindo de mãe, nunca tem sede?

Qual é a rua de Lisboa que nunca está triste?

Anh-anh-anh!...

por

AUGUSTO de SANTA-RITA



Joãozinho costumava,
Quando o papá lhe ralhava
Ou se zangava
A mamã,
—(Ora,
Meninos, façam ideia)—
Com um arzinho de ronha,
Fazendo uma carantonha,
—(Coisa feia!)—
Anh, anh, anh!...
Deitar a língua de fóra!

Mas um dia os seus papás,
Pondo-lhe a parte de traz
Toda a nú,
Zás!...
Deram-lhe grandes pás-pás
No pequenino tú-tú.

E nunca mais
O menino
A seus pais,
A' minguá
De tino,
Mostrou a ponta da língua.

Quiz o Destino
Que um certo dia, porém,
Ao colo da sua mãe,
Adoecesse o menino.

Cerra os olhos de safira,
Pende a cabecita loura,
De quando em quando suspira
E faz um beicinho... e chora,
Chora num choro convulso!

Chega o doutor, sem demora...
Agora
O menino já não chora
E quasi sorri. Emtanto
Toma-lhe o médico o pulso,
E, meigo, diz-lhe: — «Meu santo,
Deite a linguinha de fora!»

Porém,
Ao colo da sua mãe,
Chora outra vez o menino,
Chora que faz impressão!

— «Mas porque será que chora
Em tão grande desatino?!»
Murmura o doutor, então.

Volve-lhe, agora,
O menino:

— «E' que os papás
Dão pás-pás
Se eu deito a língua de fora!»

(Inédito)